

Pinto Curato

RETAILOS PARA UM " LIVRO DE MEMORIAS " QUE NÃO ESCREVEREI

(Sofrimentos e saudades)

A Pinto Quartín,

Com tacita autorização do destinatario , nasceu este livro

RENTAS EMB DE TILCOE APOSTEPA CADA UN CA. 1911

Meu illustre amigo e senhor Alexandre Vieira:

Do coração lhe agradeço a generosa bondade da oferta do seu novo e interessantíssimo livro - "Figuras Gradadas do Movimento Social Português". Comoveu-me também a anabilíssima dedicatória com que fez o favor de subscrever a distinção que muito me honrou. Num descuido ao correr do teclado, não porque o Sr. Alexandre Vieira não mereça todas as atenções devidas a um alto e nobre espírito, mas porque nada a minha pobre prosa ganharia com nótulas prévias, permita-me que conversemos um pouco, perdendo também o desalinhavado ortográfico, atrevimento meu, perante um Mestre que há muitos anos e é da boa prosódica, em todas as suas modalidades. Quase cegueira dos meus olhos e crescente declínio da sempre empobrecida mente.

Com efeito, aqui em Lisboa no alvorecer das modernas concepções económico-sociais, em 1899, também promissera época do nosso romantismo associativo, com as mãos bem calejadas das ferramentas agrárias e de outros rudes labores de uma sertaneja aldeia beirã. Mas vinha com a alma pura de crenças cristãs, na inocência de uma existência de fomes e de misérias do pobríssimo lar onde fui recolhido, ainda hoje não sei como e porquê, posto que já então com uns assomos, que se me afiguravam legítimos, de revolta contra essa monstruosa e outras mais clamorosas injustiças sociais. ~~A~~ mente vinha-me também, quase virgem, visto que mal sabia ler, por baixo, evidentemente, o mesmo acontecendo com as quatro contas. Logo no meu primeiro ano de ofuscamento de um grande e tão diferente meio em que mergulhei, assisti, maravilhado, a um desfile, dos que muito pouco tempo haviam de durar, Avenida da Liberdade abaixo, em cortejo entusiasmado e garrido, cantando a massa operária o hino do Primeiro de Maio, de mistura com frenética apoteose a um dos ídolos de então, o notável propagandista dos grandes ideais libertadores da escravidão proletária, José Fontana. Clamava-se pelas oito horas, com quatro dias na semana, acrescentavam os satíricos, talvez maldosos, porventura para amenizarem o que havia quase de religioso nas sinceras reivindicações de então. Era o epógeo do socialismo, havendo florido, exuberante, na França, na Alemanha, na Itália, na Inglaterra e nos países nórdicos, nalguns deles criando-se sistemas novos de governação pública, que mais ou menos perduram, embora sem terem podido

vencer a colossalisima força capitalista, que teima e não abdicar dos seus, por vezes, imoralíssimos processos e afrontosos privilégios, se bem que, aqui e acolá, vá sendo forçado a ceder uma boa parte deles. Em Portugal, como sabe, o nosso socialismo ficou na fase romântica, esse mesmo a finar-se lentamente, à medida que também vão morrendo os velhos discípulos dos também já desaparecidos e notáveis apóstolos do ideal que galvanizou as massas, até ao primeiro quartel do século actual. No Parlamento de 1919, tive como companheiros o magnífico lutador operário Manuel da Silva, do Porto, o médico Costa Junior, o romântico purista do ideal e belíssimo rapaz que foi Augusto da Silva, que subscreveu as primeiras nossas leis do Seguro Social Obrigatório, talvez por outras redigidas, José Gregório de Almeida, ottimo propagandista que tinha sido no proletariado comercial e que foi bem intencionado dirigente da nossa Voz do Operário, como sabe. Todos eles foram eleitos com os votos do então grande partido democrático, aliás o mesmo tendo acontecido, por desejos bem reiterados dos sargentos, aos quais reagi quanto honestamente me foi possível, mas isto na legislatura de 1914, a seguir ao Catorze de Maio. Talvez porque eu era apagado militante do ainda mal esboçado sindicalismo, pretendendo criar uma associação de classe dos enfermeiros, aí por volta de 1909, quando na Armada era cabo de tal profissão. Cedo me inscrevera em várias associações mutualistas, representando duas nos congressos, onde apresentei teses, mesmo depois de ter feito parte do Conselho Central de tais instituições. Também, novo ainda, me inscrevera em organismos educadores da infância, de quatro dos quais, mesmo com o magro pré de sargento de então, passei a ser subscritor e ainda sou: Voz do Operário, Escola Oficina, Asilo de S. João e Centro Boto Machado, não falando em duas cooperativas, uma das quais fundei na classe dos sargentos, mas que pouco tempo durou, por incompreensão da classe. Também pertencei à Universidade Popular Portuguesa, onde tive o prazer de merecer um pouco a amizade do grande Bento Caração, de quem o senhor Alexandre Vieira foi dilecto cooperador, etc. Como vê, militei sempre na escola de Democracia, a mesma que tentava preparar as mentes e as coisas para seirmos do romantismo socialista, e darmos um passo em frente na senda da renovação social que era o meu sonho - o caminho que a escola sindicalista, saltando por cima do inorgânico anarquismo, em certos aspectos muito mais actuante do que aquele, mas no das reivindicações palpitantes e imediatas ficando-lhe muito atrás, seguiu desde logo com vivo proselitismo. Nem sempre viu que tão impetuoso ardor tinha de defrontar-se com os convencionalismos arcaicos, com os grandes interesses criados, do nosso proletariado - repare que não digo operariado - para acompanhar os chefes na sua ardorosa doutrinação e muito menos realização. Aqui tem, a traços largos, um pouco de justificação da sua gentilissima dedicatória, pois eu próprio me eduquei na escola em que tive de ficar, um pouco à míngua de predicados próprios e também

muito devido ao meio em que tive de mourejar a dura couda de todos os dias. É claro que devorei tudo que então se publicava. Lembra-se, por certo, que corriam as brochuras, muito cautelosamente, de mão em mão, não fosse o diabo cego, desde Ero-potkine a Gorki, de Malatesta ao romântico Tolstoi, de Bebel a Jean Grave, etc, etc

Mas continuemos a conversar, se me dá esse vivo prazer.

Fracassadas várias tentativas, a última das quais de maior tomo, como o Vinte e Oito de Janeiro, chegou-se ao Cinco de Outubro, que já me apanhou em serviço na Índia Portuguesa. O primeiro Governador Geral de novo regime, logo poucos dias depois de proclamado, o Dr. Couceiro da Costa, que então ali estava por haver deixado de considerar um decreto ditatorial de João Franco, tal como essa outra grande figura da Democracia, Dr. Trindade Coelho, Pai, foi nomeado mediante um telegrama por mim redigido, e logo dirigido a Teófilo Braga, embora custeado por um pequeno grupo de republicanos locais, para evitarmos estúpidas perseguições de quem vinha exercendo aquele cargo. Não continuo a historiar. Sabe bem melhor do que eu as vicissitudes do regime que nascia, entre elas não menos avultando (mesmo antes de eclodir a primeira grande guerra, que muito contribuiu para que a nossa jovem Democracia nem sequer pudesse consolidar-se, devido às tremendas dificuldades internas e externas que tivemos de defrontar) as aguerridas e revolucionárias reivindicações do nosso operariado, ainda bem pouco organizado, e na sua grande maioria pouco ou nada preparado para as corrigir, com a consciência com que um Alexandre Vieira, um António João Regueira, um José Maria Gonçalves e talvez uma centena mais de ardorosos dirigentes, as formulavam e não obstante o seu proselitismo puro e inteligente. Antes do 28 de Maio, ou melhor, até eu ter de ir para Angola, para melhor poder sustentar o meu lar, em 1925, mantive o contacto que pude com os militantes mais activos do sindicalismo, entre eles Emilio Costa, um doutrinador de respeito, chamando a sua atenção para o caminho que as coisas iam tomando e que, afinal, nos levaram ao estado actual, o que não era difícil de prever. Fui encontrar no Ministério do Trabalho, cujo gabinete chefeei, nos poucos meses que as perturbações políticas de então no-lo permitiram, bastantes milhares de cadernetas impressas, para o seguro do operariado. Como deve lembrar-se, um terço de tais encargos eram a satisfazer pelo Estado, sem que eles aceitassem tais cadernetas, assim como foram repelindo outras sinceras tentativas de projectadas melhorias económico-sociais. Estávamos em 1921, se não estou em erro, grassando successivas e revolucionárias greves, algumas das quais eu de parte mais ou menos senti, quando no "Século" e em "A Pátria" exercia funções de certa responsabilidade directiva, de permisso, em qualquer das gazetas, com encargos redatoriais. É olhe que cheguei a ter neste último jornal a flor do sindicalismo tipográfico, muito me surpreendendo, mais tarde, que um de tais dirigentes, aliás um dos melhores linotipistas de então, novo que era entre nós tal sistema de composição, e que parecia não ser capaz de quebrar um prato, viria a ser o chefe sindical, com

alta representação de toda a classe, ao menos oficialmente. Nada conseguiu quem, em boa consciência supunha que trabalhava para bem do operariado, e tinha, na mesma chefia do Gabinete ministerial, evitado uma greve de médicos mutualistas, e que eu nunca poderia aceitar, respeitadas todas as ideologias. Já providenciara, em ordens de serviço, para que os inspectores do Trabalho e das mutualidades retomassem, quanto antes, as inspecções às associações e aos centros fabris. Quanto a estes no sentido de, em relatório a apresentar ao Ministro, a praxe conveniente, informarem se a legislação respectiva era cumprida, no tocante a segurança dos trabalhadores, lactários, creches, trabalho das mulheres e dos menores, etc, etc.

Vim embora, nada fizeram, no aforismo bem verdadeiro de que "os ministros saem, mas o pessoal fica". E olhe que entregámos o Ministério a um ministro socialista, o que me permitiu, ingenuamente, chamar a sua atenção para tais e vários outros problemas de vincado interesse social, tanto mais, repito, que eu procurava, assim o supunha, continuar na pegada das melhores, embora menos revolucionárias, reivindicações.

Tantas, tantas ilusões, amargamente sofridas... Não me tenho na conta de inpecável, antes me considero bastante claudicante, menos em questões de dignidade. Uma das razões por que, há muitos anos, embora de não muito antigas e para minhas honrosas relações pessoais directas, admiro Alexandre Vieira, e muito prezo a sua boa amizade, é precisamente pela sua coerência, pela sua nobreza de atitudes, pela sinceridade de desassombro no apostolado que exerceu, aliás servido por invulgar cultura, honrando assim a classe gráfica nacional, que tão altos valores morais tem produzido, como poetas, literatos, historiadores e mesmo cientistas, políticos de polpa, jornalistas, etc.

Afinal, é bem certo o mundo ser muito pequeno. Nos bastantes anos que nos não conhecemos pessoalmente, confinavamos em muitas coisas e tínhamos e temos ainda bastantes amigos comuns, embora a morte nos tenha já ceifado muitos, não devendo eu ser agora dos mais serodios. Ora vejamos, primeiro, na sequência da leitura que me deleitou algumas horas de grata e também dolorosas evocações, como e quando melhor o sr. Alexandre Vieira fixou a minha atenção.

Estavamos em 1923, sequência do terrível e agitado período post-guerra de 1914-15, quer quanto às reivindicações de natureza social, por parte das classes operárias, quer a respeito das dificuldades económicas e financeiras, que nos fizeram interromper a obra grandiosa da revolução de 1911, motivando hesitações lamentáveis, por parte dos governos de então para retomarmos o caminho iniciado.

Na primavera daquele ano, parece-me, depois de o jornal "O Século" que tivera largas tradições democráticas, pela pena jovem e puritana do seu fundador Magalhães Lima, ter deixado de andar aos surtos no "Diário de Notícias", que era o órgão privativo da grande noagem, e denunciado o contrato de direcção com o fogoso Cunha Leal, um dos grandes talentos da nossa terra, a "Portugal e Colónias",

também já senhora quase absoluta do popularíssimo diário pensou em suspender a publicação do "Século". Um querido amigo meu, que então representava na Empresa Editora e mais pequeno grupo meageiro, e a quem eu exprobara o singular propósito de estrangularem aquella candieira da Democracia, embora já iluminando mal e às vezes com lamentáveis atitudes, abruptamente me convida para assumir a sua direcção. Ainda estão vivas quatro ou cinco pessoas que assistiram, mas tendo há anos falecido quem então me atribuia, numa penhorante amizade, predicados que eu estava longe de possuir. Respondi immediatamente que nem que ele me pesasse a brilhantes eu aceitaría. Não, acrescentei, porque não desejasse ver o jornal reerguer-se da lama a que míseras campanhas o haviam levado, mas porque ele era ainda merecedor dum nome literário à cabeça e de quem tivesse qualidades morais para lhe fazer uma barrela e vestir uma camisa lavada. Parece-me que foram, entre outras, as condições primordiais que eu julgava imperiosas. Ora eu só poderia satisfazer a esta última, mas com plena liberdade de acção, com lealdade de todos, e desde que as empresas proprietárias estivessem dispostas a sacrificar ocultos interesses, calar sórdidas campanhas e pensarem mais nos altos problemas económicos e sociais do País. Com espanto meu, e com a aquiescência dos circunstantes responsáveis, o mesmo amigo apela para as nossas melhores relações pessoais, pedindo-me que, com um recente accionista, por ser credor da Empresa e com um representante de outra societária, tomássemos a gerência do Jornal, mas ficando ele, por exigência minha, sem qualquer nome à cabeça, salvo o do editor, e único que a lei da então exigia. E como quem me solicitara para eu tomar tal encargo, invocando isso como um favor meramente pessoal, apenas recebia mil escudos por mês, pela representação, também eu não quis mais, visto que era uma espécie de temporária gratificação para as minhas despesas de deslocação e os jantares de quase todos os dias, pois que eu tinha então muito trabalho, raras vezes podendo ir jantar a casa. Encontrei então lá, como lealíssimo e muito competente Chefe da Redacção, o nosso Pinto Martin, bellissimo caracter, íntegro nas suas convicções, mesmo à custa do amargurado pão que tem de ir ganhando, a ponto de, depois de Campos Lima, em política tal como ele, se ter mantido, parece-me, que dos raríssimos de agora e já muito antes dos amadurecidos anos que também já conta, na fila mais avançada de uma, para mim, sempre mais ou menos quimérica, futura organização social. Parece-me que foram os dois únicos que não claudicaram, havendo-se outros adaptado nem sempre lisongeiramente, a exigências muito desocorantes. Não é verdade? Ora bem; vamos então ao caso do meu primeiro encontro consigo, embora então indirecto.

O Alexandre Vieira era então o rijo dirigente da "Batalha", parece-me que o seu documentado e ardoroso Redactor Principal. Como o sr. Alvaro de Lacerda, há muito falecido, e eu, fiódmos com a orientação política do jornal, escrevi um pequeno Fando, ao tomarmos posse, afirmando que o "Século" continuava, e que

iamos pôr de parte tudo que pudesse mais desorientar a opinião pública, votando-nos, preferentemente, aos problemas de alto e verdadeiro interesse nacional. Único nome, o Sr. Antonio Maria Lopes, também magnífico e muito leal cooperador, que ainda lá está no mesmo cargo, e muito bem, visto que o considero estranho a vários meandros da trajectória do jornal, pelo menos desde que deixou de o dirigir Silva Graça. Na segunda noite que lá passei, Pinto Quartin levou ao meu gabinete um comunicado agreste, em resposta a outro que no dia anterior o "Diário de Notícias" publicara, trocando-se quase insultos entre as duas noagens, as mesmas que acima refiro. Li, e disse a Quartin que aquillo não se publicava. Muito honestamente, na sua função de Chefe, ponderou-me que tal comunicado, mas em forma que o não parecia, era de um dos grupos noageiros, aquelle precisamente que eu indirectamente representava, sem sequer conhecer qualquer dos seus directores, o que ainda hoje succede. Como lhe disse eu entrara para o jornal a pedido insistente do tal meu amigo, que, ele, sim, na empresa editora representava aquelle grupo noageiro, mas demittendo-se, para eu assim tomar o seu lugar. Que nobilissima alma de bondade e de talento juridico tinha o malogrado e honrado dr. Couto Rosado, cuja amizade aqui estou saudosamente evocando. Repare, meu estimado Amigo, que auspiciosa estreia a minha naquello tremenda!...! O certo é que o comunicado não saiu, apesar de, lealmente, prevenido, um dos representantes da noagem que replicava me haver pouco depois telefonado, chamando a minha atenção para o silencio pouco lisongeiro que eu lhes impunha, quando na manhã desse mesmo dia, o outro grande orgão do mais forte noageiro, tinha violentamente atacado. Limitei-me a responder que, de harmonia com o que propusera e ficara assente na reunião, quando me convidaram, iam cessar as campanhas perturbadoras, e que por alguma ponta deviamos começar. Mas, aditei: "como não tenho cinco reis no "Século" nem porventura terei (como ainda acontece) penho o chapéu na cabeça, saio immediatamente, tanto mais que o sr. Chefe da Redacção sabe muito bem o que ha-de fazer". "Que de modo algum. Paciência".

Ora aqui tem um pouco no que haviam dado as mirabolancias de Rugeroni, até que impõe à noagem a compra quase forçada do Jornal, mercê de campanhas truculentas, por vezes de uma destemperadissima linguagem. Serenamos por poucos dias. Certa manhã, com espanto nosso, recebemos uma intimação policial para pormos à cabeça do "Século" o nome de um director. Lembra-se de que "A Batalha" não o tinha então? Pois bem, nesse mesmo dia ou no seguinte, o intrépido e magnificamente redigido orgão sindicalista da direcção de Alexandre Vieira, a duas columnas, me parece, escrevia: "Bandido, precisa-se para dirigir o "Século"". Olhe para o que eu estava guardado! Parece-me que na tarde desse mesmo dia, apresento-nos um jornalista, pelo menos dizia que tinha escrito algumas gazetas, e oferecer-se para o cargo vago, na verdade, mas que eu não quisera assumir e que resolveramos assim manter, até à barreira que eu queria fazer ao jornal e até

lhe vestirmos uma camisa lavada. Depois de várias habilidades, comecei a ver o dedo de quem queria libertar-se do encargo de uma esmola choruda, mas miserável, e mensal, ao homem que tinha feito no "Século" a noventa e cinco campanha moageira, mas que, por certo aparente decoro, o novo patão dispensara de escrevinhar na gazeta, sendo assim mais cómodo que a empresa do jornal lhe pagasse, embora não escrevesse, como no tempo de Cunha Leal acontecera. Também porque tal nomeação teria tido certa recomendação de um então notável político, na situação ao tempo dominante, porque o escrevinhador se dizia defensor e partidário governamental, foi ele investido no cargo de redactor principal, em que só demonstrou a sua estupidez, inconsciência jornalística e maldade. Deixamo-lo escrever. A certa altura, pouco tempo depois surge-nos um fundo parvoião, dizendo que o país agora ia bem, não sendo preciso apertar a figadeira para se reconhecer. Veja. Isto em fundo, num jornal em cujo grande período de propagação, o notabilíssimo jurisculto e cultíssimo Cunha e Costa, sob a inspiração de Silva Graça, talvez a maior intuição jornalística do tempo, embora não escrevesse, era fundista, com outros belos talentos. Isto me obrigou a estar mais atento, ao que o homem escrevia, nada se publicando sem a minha prévia concordância. É que eu fora forçado a impedir a saída de um grosseiro desonchavo contra Cunha Leal, que havia pouco tempo deixara o "Século" mas de relações cortadas, o que nos impunha o dever, como ponderei ao cavalheiro, de sermos absolutamente correctos para com o recente ex-director. As coisas continuaram de mal a pior, até que um belo dia, um pouco menos de seis meses, puz o chapéu na cabeça e saí enojado. Nos meus papéis conserve ainda o original de um ou dois fundos deste quilate, em cuja publicação não consenti.

O jornal, que encontrei com uma tiragem baixíssima e com um deficit mensal elevado, floou com mais uns nove mil exemplares diários, com as finanças equilibradas, com ~~meios~~ meios amaciantes reconquistados, não obstante havermos aumentado de trinta por cento os vencimentos a todo o pessoal, e não é havido, naqueles atribulados meses, uma revolução, um acontecimento mundial ou outro daqueles que muito favorecem as grandes subidas de tiragem. Neste ponto apenas várias greves internas, sabe-o melhor do que eu, numa das quais, orientada, creio, pela Calçada do Cambro - lembra-se ainda? - dei instruções ao Quartim para, nas agitadas sessões do operariado, os reporteres omitirem apenas o que fosse incitamento à violência contra as pessoas e contra a propriedade. O outro órgão da moagem dava os relatos da semana em cerca de meia coluna, quando o "Século" chegava a ocupar quase uma página. É que estavam então em causa bastantes interesses legítimos do operariado, e o jornal não podia desmentir as suas tradições populares, embora com manifesto desacordo de boa parte dos donos da Empresa. De tudo tenho cifras, obtidas quando vim embora, nas cifras colhidas na livrança da Casa, porque me fui emindo delas, quando vi que o meu honesto propósito era irrealizável. Nem barrela, nem camisa lavada. Altos interesses duma estúpida política de então, não digo desonestas, mas filha

das culpas de nós áodos, e o sindicalismo não pode colocar-se de fora, disso me impediu. Ao pedir a minha conta, pois nos seis meses me limitara a assinar alguns vales, que então amortizei e resgatei, recebi três mil escudos. Chorudo lugar, que certa calúnia não deixou de morder, nunca me tendo metido no automovel do jornal nem ido a festas, visto que na modéstia me eduquei e vivi sempre. O nosso Pinto Quartim, que tem cópia do relatório final e geral que mais tarde remeti á Assembleia Geral da Empresa, sabendo muito bem que o fazia em vão, foi vítima da maldade rancorosa e parva do laçao que respondeu ao anúncio da "Batalha", pois o demitiram vilmente, mal eu deixei o jornal, ele homem de carácter, de principios morais, leal e dedicado trabalhador, que não se traía para ganhar honestamente a vida, e a quem conheci, admirei e continuo a homenagear, três paixões - a da Família, a do Jornalismo, a que voltou, mas já um pouco á cente - occur, e a da Dignidade. Por minha vez, quando um dia o maior accionista do "Século" se lembrar-lhe eu que era conveniente ir em pensando num falor jornalístico e literário para assumir, mas com dignidade e preferente interesse colectivo da Nação, a direcção do jornal, (e citei-lhe um nome) ele disse-me que ainda era cedo. É que já tinha feito um jornalista e não queria fazer outro, embora aludindo lisongeiramente á pessoa que eu lhe indicara. E esboçou então o desejo de eu me licenciar na Armada, indo trabalhar exclusivamente com eles, mediante compensador ordenado e também o averbamento em meu nome de um regular lote de acções da Empresa, cujo desdobramento havia pouco tinham feito. Respondi-lhe nos aprezimados seguintes termos:

"Agradeço-lhe o favor da intenção, que sei bem honesta, embora ultra lisongeiro o seu conceito, acerca da minha apontada competência. Muito me agradaria ficar ligado ao "Século", grandissima tribuna que ele podia ser, na defesa honesta de todos os grandes problemas nacionais, a começar na moralização dos nossos pés-sinoscostumes políticos, económicos e sociais, tão carecidos de novos rumos e de esolarecidas vontades. Eu quereria que a Direcção do "Século", pela sua nobre e elevada doutrinação, pelos ideais que ainda sustenta e pelo prestigio que é preciso reconquistar em todas as camadas do país, fosse o lugar mais invejável de todos os cargos públicos e particulares da Nação. Mas, o que tenho observado até aqui, contra o que eu esperava e tinhamos até deliberado, mostra-me que os senhores são incorrigiveis. Nunca poderíamos entender-nos. Como a pessoa em questão, aliás feita por si própria, vinda do nada mas muito inteligente e empreendedora ia despedir-se de mim, pois seguiria pouco depois para o Brasil em missão de negócios, acrescentei: "Quando regressar a Portugal já não me encontra no "Século". Prémstando-me ele então, com o pedido de que mantivesse, que no regresso, dentro de dois meses, ~~substituiriamos~~ o ambiente do jornal. Na volta já não me encontrou lá e só uma vez depois nos vimos. Tempo depois, pela venda do lote de acções que pertencera ao pequeno grupo moageiro que eu forçada mas indirectamente representara, nove

Director viria o "Século" a ter, brilhante escritor, na verdade, mas totalmente falho de senso jornalístico. Amigos que eramos, quis também que eu fosse trabalhar com ele, mas principalmente como administrador, o que grata e delicadamente deslinei. Suponho que aquele importante representante do maior grupo do "Século" foi depois fixar-se no Brasil.

É aqui ten, meu caro Vieira, o que poderia ser uma interessante página das minhas Memórias, se eu fosse homem que tivesse história, posto que algo vivesse a dos nossos dias. Mas era preciso, além de saber escreve-las, e tendo aquilo com que se compram os melões, precaver-me primeiro contra muitas canceladas, porque algumas inconveniências teria de devassar, ofendendo assim muitos interesses bem pouco confessáveis. Como ficou vendo, se ainda não adormeceu, vai fez-lo, narcóticos que são os meus míseros escritos.

Alexandre Vieira, o grande paladino da justiça social, que serviu com admirável talento e o prestígio de uma sólida cultura, também naquelas tais páginas teria um lugar de direito, mas limpo e honroso lugar, pois confinantes embora nem sempre concordantes temos andado. O seu fundo de justiça serena, pude apreciá-lo bem, quando nos fez o favor de servir como árbitro num estúpido conflito que eu tive com os seus camaradas gráficos da Voz do Operário, não ocultando o sr. Alexandre Vieira o seu parecer de que um deles tinha sido muito incorreto para quem ao tempo dirigia a colectividade, superior hierarquico, portanto, embora não deixasse, como gráfico também e mesmo dirigente sindical, de mostrar o seu louvável desejo de uma solução posterior que não motivasse feridas, o que aconteceu, pelo menos da minha parte. E agora, depois de lido o seu belo trabalho, volte a folhá-lo, para também destacar de tão interessantes páginas nomes de amigos comuns, de valor, com os quais me foi grato contactar pela vida fora, neste também pertíssimo campo em que militamos, assim mais uma vez se verificando como o mundo é pequeno e as boas almas sempre se encontram.

Tenho-o na conta de uma delas. Procuro que a minha o seja também e que não me torne indigno, nesta crudelíssima decrepitude, aquilo que foram os meus altos ideais de solidariedade humana. Continuemos pois, mas agora muito sucintamente, como é elementar dever meu. Mas antes, devo dizer-lhe que se fui ^{conquistar-me} ~~estrangeiro~~ no "Século" algumas boas amizades que procuro cultivar, lá concertei também, contra mim, suspeitas animadversões. É que no legítimo e honesto propósito de defender o bom nome do jornal e os interesses que me foram confiados me foi mister corrigir alguns lamentáveis vícios e até menos lisongeiros ^{prejuízos} ~~prejuízos~~. A prova de que eu estava então no bom caminho, veio logo pouco depois da minha saída, quando tiveram de admitir um empregado superior, por se haverem confirmado necessárias as medidas defensivas que eu aconselhara ao principal administrador da empresa contra desonestidades bem lamentáveis.

Fui grande admirador, embora de fugazes encontros, do desventurado e talentoso Bedy, dos mais cultos operários que conheci, algumas vezes tendo secundado, com infinita dor, poucas e pequenas iniciativas para talvez lhe matarem a fome, nas intoleráveis injustiças da vida. A última vez que o vi, parece-me, foi numa frigidíssima noite, ao dobrar a esquina que dá para a rua onde então funcionava a Maçonaria, para a qual eu ia, sem remorso o digo, vindo ele de largo Trindade Coelho, tiritando, sem sobretudo, puxada a gola do casaco até às orelhas. Tive pena.

João Blak - Mimoso poeta, gráfico cultíssimo, de uma bondade e de uma simplicidade que só os autênticos valores sabem mostrar. Foi no tempo de José Maria Gonçalves e meu, na Voz, se não estou em erro, que o fizemos bibliotecário da colectividade, em 1924 ou 25, homenageou aos seus reais merecimentos, já fatigado de combatedor que muito o sabíamos. Lá exerceu também magnífico lugar, parecendo-me que de certo modo concorri para a apresentação que lhe deu a colectividade. Era tão sedento de saber que, tendo a Voz do Operário, por proposta e plano meu, votado por aclamação em Assembleia Geral - bons tempos em que o pontapé ainda não dispunha de tudo - criou ^{ção de} um curso de extensão universitária, nome que muito prepositadamente lhe dei, regendo eu, embora sem o brilho preciso, mas para dar o exemplo, a disciplina semestral de geografia geral e económica, tive no nosso Blak um dos mais atentos ouvintes, como o foi de outras matérias dadas. E, já agora, deixe-me dizer-lhe que, nesta minha última estadia na Voz, fiz aprovar em Assembleia Geral, umas inovações e alterações ao Regulamento interno, graduando o tempo e os vencimentos do pessoal nos casos de prolongada doença, fixando-se num mínimo de setenta por cento a pensão de reforma, princípio de amparo que não existia. Eu não podia esquecer que se tratava de uma associação de trabalhadores, cujo pessoal, na velhice, não podia ser abandonado nem sujeito aos arbítrios e caprichos de qualquer direcção, embora devéssemos acima de tudo, nunca perder de vista os primordiais interesses associativos. O pessoal nunca se interessara pela efectivação duma caixa de reformas que eu criei em 1925, com a contribuição prevista da Sociedade, num montante igual ao que o mesmo pessoal fixasse, como descontos seus. Chegou ele mais tarde a efectiva-la, mas a breve trecho desistia de tão útil iniciativa. Mais uma dolorosa ilusão minha.

Augusto de Sousa. Foi também encontra-lo e conquistar um pouco da sua amizade, na mesma voz, em 1924, quando, embora já sócio antigo, pela primeira vez fui solicitado para fazer parte da comissão directiva e ao mesmo tempo de sindicância. Verdadeiro temperamento lírico, de um mimo semelhante ao do seu homónimo Augusto Gil. Sabia de officio como poucos. Diz muito bem: composição limpa, apurado gosto artístico e sempre alheio a intrigas e crenças. Sonhador, procurava levar a vida a brincar, mas eu às vezes notava nele umas tristezas que deidiziam de apparentes alheamentos. Foi nosso dedicado companheiro de trabalho, quando a faina do jornal era então pesada, pois tivemos de refundir, de alto a baixo, toda a vi-

da e actividades da Sociedade, sobretudo as educativas. Não me lembro bem se fui um dos que contribuíram para uma pequena edição das soberbas poesias de Augusto de Sousa, embora relativamente poucas das muitas e soberbas que o vate escreveu, a par de tantas outras que na espontanea mente lhe ficaram, como algumas que às vezes desconfiadamente recitava. E tão novo que ele faleceu, menos na sanidade dos seus muitos amigos e admiradores! Procurei ser um dos mais apagados, mas verdadeiros. Foi bem lembrá-lo, não, creio, como forte lutador das aguerridas hostes económico-sociais, mas como um alto valor mental e moral que enobreceu tais filiaras. E já agora:

José Maria Gonçalves. Mal diria quem, só tarde e incompletamente o conheceu que naquele corpo franzino, que só à custa de muitos cuidados que a sua grande cultura favorecia, estava um arcaboiço dos mais resistentes para as rudes lutas de então. Tive também o prazer de o conhecer na Voz, na mesma comissão. Porque os nossos pensamentos coincidião, nos de fundas e moralisadoras reformas na Colectividade, desde logo ficamos amigos e íntimos cooperadores, muito apreciando eu sempre a clareza, o desembarço e o saber com que punha os seus pontos de vista, intransigente quando lhe parecia que estava no bom caminho. Era já notável bibliotecário da Imprensa Nacional. Mas - arrumada a Casa, arrejados todos os sectores, reformado profundamente o escolar, o que estava a meu cargo, com o admirável concurso e incitamento de José Maria Gonçalves - resolvenos dizer ao Governador Civil que nos nomeara (eu indicado pelos tabaqueiros, os únicos sócios que podiam votar e ser eleitos) em extenso relatório, por mim redigido e lançado no copilografo a quílico, que podia entregar novamente a administração da Voz àquela classe. Devendo porém fazer que tão estranho privilégio acabasse, tornando votantes e elegíveis, o que viria a acontecer, pouco depois, os muitos milhares de sócios auxiliares contra escasas centenas de tabaqueiros. Como carecíamos de tudo dizer no Jornal, José Maria Gonçalves empunha o compenador e numa tarde levanta mais de um caixotim. Picariamos a estimar-nos, como eu desejava e ele merecia, se uma attitude tão inexplicavel para mim como estranha, nos não tivesse separado. Eu conto:

Anos depois, pertencendo nós ambos à comissão de Instrução da Voz, onde, até certa altura, quase sempre estiveos de acordo com a mesma solida amizade, com crescente admiração minha pelas suas boas qualidades, a Comissão Administrativa nomeou-me seu delegado para o júri que havia de classificar as provas de um concurso meramente documental para o cargo, então vago, de médico escolar, lugar que fora criado por proposta minha na já referida comissão directiva de 1924 e com aplauso de José Maria Gonçalves. Como eu me reservei o papel de simples portador dos documentos apresentados pelos concorrentes e que me foram entregues pela Direcção da Colectividade, visto que dois membros de tal júri eram médicos, e um destes o que mais abalizado para o caso podia ser, limitei-me a ordenar tal documentação, registá-la e lavrar a acta, segundo a deliberação do júri, a qual eu não podia impugnar. leigo que era e dever, como o fiz, acatar, embora aprovando-o também, o parecer de

tais peritos. Um dos concorrentes fora um sujeito que mais tarde vim a saber que exercia funções de médico escolar num dos liceus de Lisboa, de apelido Managas, o qual, vindo a saber que não fora classificado numero um, porque eu próprio dei conhecidos resultados de tal concurso à aludida Comissão, posto que pendente ainda de homologação ou não da Direcção, me apareceu a protestar contra o que ele chamou uma injustiça. Disse-lhe o que comigo se passara e que eu nada tinha já com o caso, vieto que a decisão final compatia à Direcção da Colectividade. De resto, acrescentei, o classificado numero um, além de exercer ou ter exercido funções docentes num estabelecimento superior do ensino official, que se relacionavam directamente com a hygiene escolar, fora o mais documentado dos concorrentes, pelo que, meramente documental que tinha sido o concurso, devia ser, como foi classificado em primeiro lugar, havendo a Direcção homologado tal parecer. Pois José Maria Gonçalves, sem mais querer saber, deixa de me falar. Muito me penalizou a sua inexplicável attitude, bastante estranha, repito, vieto que logo depois vim a saber que o infundado reclamante, além de attitudes que me contaram, pouco lisongeiras, dizia-se também que fora um ou quem motivara a prisão de alguns valores do operariado e outras pessoas de grande categoria mental e moral que haviam visitado a Russia, no começo da sua revolução, mal que chegaram a Lisboa.

É porque tudo isto vem um pouco a talhe de foice, digo-lhe que foi feliz nas referências que fez ao notável pedagogo Dr. Adolfo Lima, com vários cursos superiores, o que pouco significaria se o saudoso falecido não tivesse sido um permanente cultor da ciência e da... moralidade também. Foi pela mão de José Maria Gonçalves e pela minha que chegou à chefia, distintíssima, dos serviços escolares da Voz do Operário. Ali soldamos, não digo duradoira, porque a morte o levou relativamente cedo, mas uma fraterna amizade. Ele que fora convidado para Director da Escola Normal de Lisboa, cargo que só aceitou mediante concurso, exercendo-o modelarmente, via-se um dia estupidamente destituído dele, sendo então nomeado arquivista, o que muito deve ter contribuído para a nostalgia do admirável magistério que lá exercia e do espírito de methodisação, de renovação e de soberba organização que lá deixara, o que deve ter apressado a sua vida. Na Voz, ficou bem vincada a sua presença, apesar de também curta. Não tendo feito questão de ordenado, porque era de uma sobriedade rara, a certa altura dizia-me que o pouco que lá recebia o considerava dinheiro perdido, porque não teria possibilidade de vencer certas rotinas e incompreensões pelo que, acrescentava, cedo deveria abandonar o lugar. Pedi-lhe que o não fizesse e que fosse educando tudo e todos que ainda o não compreendiam. Tendo eu saído para fora da Metropole, uma das primeiras cartas que recebi na deportação foi a do saudoso Amigo, comunicando-me que se demitira. Que nobilissimo caracter para quem não vivia com grande desafogo! Na sua curta chefia, elaborou a nosso pedido, um regulamento escolar da Colectividade, cujo projecto quis que fosse discutido em sessões conjuntas das comissões Pedagó-

gica e de Instrução, aceitando qualquer alteração que lhe propunhamos, sempre que não ia contra princípios da pedagogia e os interesses morais e educativos dos alunos. Concordeu também com uma proposta minha, para que o Regulamento fosse revisto depois de dois anos de execução, para sofrer qualquer alterações que a prática houvesse aconselhado e a legislação oficial impusesse. Redigi eu, uns três anos depois o novo regulamento, decalcado no de Adolfo Lima, evidentemente, a quem levei um exemplar do novo projecto, discutido também, como o primeiro, o que ele me agradeceu e a nada de fundamental objectou. Ainda está em vigor. Como vê, os bons e espíritos encontram-se, sobretudo quando, como o meu, sempre teve ansias de aprender nas com as almas generosas, simples e sinceras. Tudo isso ele possuía.

Emílio Costa. Também muito o admirei e me honrei com a sua estima. Teve a bondade de me oferecer um ou dois dos seus livros. Era um poço de saber também sobretudo nos problemas sociais. No auge, truzento de vivacidade, do nosso sindicalismo, e numa tarde quase toda, em passeio nosso, subindo e descendo a Avenida da Liberdade, apelei para a sua intelligencia, que era brilhante e para as suas responsabilidades de destacado guia das reivindicações operárias. Sr. Emílio Costa dizia-lhe eu: "Pelo caminho que as coisas levam, matam a República e talvez promovam um grande retrocesso na Democracia, que tem naquela a melhor base de apoio." Parava-se, ele fixava-se pensativo, mas não aceitava integralmente, digo, as minhas conclusões. Às vezes parecia-me concordar comigo. Mas logo o fogo central de profundador das ideias modernas o abrasava, opondo-me novos argumentos, nem sempre convincentes para mim. Não sei quem o convidou para a chefia dos serviços escolares da Voz, grande pedagogo que também era. Lá estive no acto da posse, proferindo até algumas palavras de absoluta confiança nas suas funções. Mas não sei se por íntimo sofrimento, se por também haver percebido que pouco poderia fazer, devido ao meio, cedo se desistiu, nada lá deixando. Eu era então um vogal da já referida comissão de Instrução, à qual inicialmente levava a revisão do regulamento de Adolfo Lima; parece-me que na chefia de Emílio Costa, com o qual assim contactei em matéria educativa da Sociedade e também, disso me lembro bem, na vida activa que de novo pretendi imprimir às Caixas Escolares que eu lá criara em 1924, vamos que um começo de sindicalismo providente e infantil, o que Emílio Costa me confessou, com espanto meu, não serem tais Caixas muito da sua simpatia. Tanto, que não consegui, depois de haver esgotado outros pedidos anteriores na Secretaria, que o chefe dos serviços escolares me obtivesse da tesouraria da Colectividade a conta corrente da Caixa dos pequenos com ela, para se depositar o salário, como era do estatuto da infantil organização e eu fizera, em 1924, na Caixa Geral dos Depósitos, em nome da tal Caixa. A fim de, como sucedera, estando eu em Africa, não desapareceram novamente as economias amalhadas, na voragem de um roubo de um empregado, para punição judiciária do qual eu tive de intervir. Eu lhe conto:

Um dia descobriram que tal empregado fizera sucessivos desfalques no va-

lor global de sessenta e tal centos, entre estes, dois mil e cem escudos da Caixa dos alunos, isto por, indevidamente o dinheiro da pequena e voluntária contribuição mensal deles, ser depositado na Tesouraria Social, em vez de na Caixa Económica. E olhe que se as direcções que nos sucederam, cumprissem instruções que eu redigi e os meus colegas da direcção de 1924-25 plenamente aprovaram e lá ficaram num livro, nunca tal roubo poderia dar-se, porque todas as semanas o empregado tinha que dar conta dos dinheiros recebidos e pagos, perante a documentação respectiva, entregando os saldos que houvesse ao Tesoureiro da Direcção. Ora muito bem. Nunca uma Assembleia Geral, que enche o salão, cheirava a escândalo. Porque, se não, não teria havido número de sócios para ela funcionar. Era quase meia noite, e discursos, discursos, mas deliberações, nada. Eram tão fáceis e urgentes... Mandei para a Mesa uma moção, convidando a Direcção a entregar o suposto e depois providências culpado ao Poder Judicial. Aprovada por grande maioria, matéria, veja... foi encerrada a sessão. Nomeado o advogado, que dizia consultor jurídico da Sociedade, descarou o processo, sendo o reu absolvido. Fui barafustar com o advogado, pedindo-lhe que recorresse da sentença, o que fez, mas exigindo, desde logo, um tanto para preparos, o que a Direcção lhe entregou. Em novo julgamento, o culpado foi condenado. Que maldita sina a minha!

Em 1949, vieram arranjar-me a minha casa para fazer parte da nova Direcção. Lá fui encontrar também novo roubo, de aproximada quantia, tendo de promover nova e pesada sanção judicial. Com prazer? Deus o sabe. Mas eu tinha um cargo para mim sagrado: A defesa de uma colectividade de proletários. Como vê, meu caro Vieira: Na mesma vinha cavamos. E, já agora, deixe-me dizer-lhe que aquele consultor jurídico, aliás brilhante e que também de certo modo se tem votado às causas dos operários, foi substituir um médico escolar que eu deixara na Voz, em 1924. É o que há mais parecido! Substituir, não é bem assim. A verdade é que o médico foi dispensado, na minha ausência da Metrópole. E, para terminar estas rápidas referências a Emilio Costa, como vê da minha amizade e magnífica recordação, deixe-me dizer-lhe que também estranhei o seu nenhum entusiasmo por outra minha iniciativa, que já lá estava em começo de execução: a biometria infantil, orgulhando-me de ter sido a Voz a primeira Escola a instituí-la em todo o País, e o registo metódico e atento das crianças doentes, para tratamentos adequados e oportunos. Também se mostrou frígido para comigo no propósito em que eu estava, ainda na mera qualidade de vogal da aludida comissão, de mandar as crianças, finda a escola primária, ao Instituto de Orientação Profissional, onde ele exercia funções superiores, no tempo do grande mestre Dr. Faria de Vasconcelos. Cada qual, acompanhada da ^{ficha de} ficha de biometria, com menção dos antecedentes hereditários e pessoais do aluno ou aluna, além das mensurações, todas por mim feitas, no decurso da frequência escolar e de seis em seis meses, seriam também portadoras de outra ficha de índole psicológica, com o resultado das observações e anotações das profes-

ras, em igual período, contendo o impresso umas sessenta perguntas. Desisti. Que havia em fazer? Parvos pensamentos de um sonhador impenitente. Valha a verdade que tal desistência resultou também de algumas professoras responderem afirmativamente a quesitos antagónicos, tais como: "É aplicado (o aluno)? Mostra desinteresse?" Lá dei uns bons milhares de mensurações e anotações, cada ficha me levando cerca de vinte minutos, no primeiro preenchimento. Afinal estupidamente, porque a Voz não teve quem pudesse ou soubesse e devesse aproveitar tamanho esforço e dedicação, embora pagando, como o está fazendo, visto que tal interpretação da curva do crescimento mental e físico da criança, à fase de anotações feitas e metódicas, durante quinze a vinte anos (livro que Portugal ainda não tem) só por médico especializado dever ser feita e não apenas por um vulgar clínico, mesmo que tenha, que nem sempre o possui, o curso de higiene. Recorde-se do final de um artigo que escrevi na folha de couve que é o nosso órgão associativo, na minha última passagem por lá, ao comentar a estatística obitúria, também citação minha e com o pensamento nos corentários que sempre escrevi sobre os serviços escolares e outros da Colectividade. "Que grande laboratório social aqui está a perder-se!" Não concorda, Alexandre Vieira?! Pois continua a não ser aproveitado... Faz-me penal

Dr. Campos Lima. Foi meu arguente, mas benevolo, no acto da minha admissão numa loja maçónica, a que ambas ficámos pertencendo com crescente e mútua estima, reforçada, da minha parte, pela admiração de um verdadeiro homem de princípios sãos, dignos, desinteressados e firmes. Podia ter feito uma fortuna na advocacia, inteligente, culto e mesmo perspicaz, se não mantivesse integras a sua ideologia e o propósito de não transigir com as iniquidades que ele, por si só, não podia destruir. Foi advogado dos humildes, dos que não podiam pagar, sem que por isso deixasse de impressionar o tribunal pela elevação dos seus conceitos, pela solidez da sua casuística e pelo desassombro com que nunca ocultou o seu pensar. E conseguiu sempre o respeito e mesmo a amizade e estima de muitos adversários que teve de defrontar no foro e fora dele. Morreu pobre e depois duma vida de sacrificios quem, bastando-lhe uma ou outra transigência, daquelas que às vezes menos enodam uma consciencia, para não vir a passar as torturas que suportou. Nunca posso desligar o nome de Campos Lima do de Pinto Quartim tao semelhantes nos caracteres, nas atitudes e na nobreza.

Augusto Carlos Rodrigues, directo companheiro meu que foi na Voz. Não sei se terá havido cu há quem o iguale em bondade, modestia, nobreza e gestos de altruismo que teve o saudoso e querido Amigo. Eu, era incapaz disso, apesar de também às vezes a consciencia me dizer que alguma coisa de bem procurei fazer. Mas nada como ele. A última vez que o vi, foi em minha casa, já quando eu raríssima saia. Vieram-lhe as lágrimas, tão afectivo que ele foi sempre, a lembrar-se que tinha ainda uma nota - das várias filhas e filhos que o filho trópico, generoso e exemplar Casal carinhosamente adoptara e educara nos mais nobres preceitos da

moral e da humanidade. Oito, como sabe e escreve, na formosa e justíssima execução da sua missão, nota que, ainda menor, temia não poder acabar de educar. Infelizmente, a morte levou-o pouco tempo depois. Encontramo-nos também algumas vezes na Escola Oficina, que venerou, tal como na Universidade Popular Portuguesa, que, nos já avançados anos da sua existência sempre afanosa, sempre digna, lhe absoveu trabalhos e cuidados, até que foi um, talvez o mais entusiasta, dos que deliberaram confiar à guarda da Voz do Operário o precioso recheio da sua biblioteca, cuja instalação e arrumação me foi dado dirigir. O mesmo me aconteceu com as bibliotecas da Sociedade de Estudos Pedagógicos e a de Rocha Martins, outros beneméritos da Colectividade e nestes meus ultimos quase cinco anos de já bem fatigado e improdutivo labor associativo. Infelizmente, como com outros amigos perdidos, não pude ir acompanhar o seu corpo ao cemitério. Mas não fui dos que menos sentiram a sua morte e veneraram a recordação muito saudososa de alguém que poderia servir de modelo de dignidade, de bem fazer, de abnegação e desinteresse pessoal. Quem me diria que a tão acarinhada Neta, que espero será digna de tão exemplar desvelo educativo, por arte dos dois já falecidos Avós, viria a ser impedida de ultimar, na Voz do Operário, instituição que tanto deverá sempre à memória de Augusto Carlos Rodrigues, o curso comercial que ali se ministra, e na frequência da qual eu, gratissima e orgulhosamente a admitira e mesmo velara por que não fosse prejudicada por actores naturais de puras crianças!? Como é cega a justiça dos homens, ainda dos que teriam o dever de ser mais atenciosos....

Nos seus biografados, nas lides nem sempre isentas de sofrimentos, de ilusões e de máguas associativas, para a melhoria social do proletariado poderia anotar mais alguns nomes, ainda que de fugidios contactos, pela vida fora. Ficaria esta carta muito mais extensa do que já imperdoavelmente a fiz, demais que só com muita dificuldade a estou dactilografando. Mas desisto de o fazer, pedindo-lhe que me leia mais um pouco, visto que vou terminar com,

Miguel Corrêa. Quem me diria que teríamos de ser companheiros de deportação, em Cabo Verde, recordando ali, em amigável conversa, alguns episódios acerca do seu inteligente, ardoroso e sincero proselitismo, porque o compreendi uma alma nobre e de bem. Um dia no governo de transição do movimento outubroista, cujas horas terríveis vivi como poucos, e sobre as quais poderia escrever ainda inéditas páginas, chefiando eu o gabinete do Ministro de então, para a pasta do fomento, surgem-me três ferroviários do Sul e Sueste, pedindo-me para os apresentar ao titular da pasta, Naturalmente, como era meu habito e dever no sentido de informar o ministro às vezes por se tratar de assuntos que ainda corriam pelas Repartições respectivas, ou eu mesmo poderia facilitar, perguntei-lhes qual era o objecto de tão estranha vinda a Lisboa, sem terem pedido audiência - ainda furos da tremenda e sangrenta tragédia do movimento militar - e porque invocavam urgência de falar ao Ministro. Respondeu-me Miguel Correia - foi então que pessoalmente o conhe-

oi - alegando que, tendo-se dado uma ou duas noites, antes um descarrilamento do comboio, parece-me que com algumas vítimas não me lembro já bem, era imperioso que os horários fossem alterados, no sentido de entre o Algarve e Lisboa, não se fizessem viagens de comboio noturnas. O descarrilamento fora por alturas duma localidade ou sítio chamado Figueirinhas. Passei do que ouvi e disse-lhes se, eles, como agentes ferroviários, tinham pensado nos legítimos interesses da população algarvia, agricultores, industriais, comerciantes e mesmo operários, que preferiam ^{aproveitar} ~~passar~~ uma ou outra noite, para virem à capital tratar dos seus problemas particulares, a fim de perderem o menos possível, de trabalho útil, nas terras de onde tinham que se deslocar temporariamente. Não acitaram com facilidade o meu argumento, mas fui-lhes dizendo que os não apresentaria ao Ministro, até no interesse deles, porque muito ele estranharia semelhante exigência, porventura não deixando de a anotar desfavoravelmente, mesmo perante a Direcção superior de tais caminhos de ferro, então explorados e propriedade do Estado. Afinal acabaram por se mostrar mais razoáveis e acitaram o meu conselho de iram avistar-se com quem ao tempo dirigia superiormente tais serviços, a quem eu logo telefonei, apresentando os comissionados, com a recomendação de possíveis medidas, se o estudo atento do caso as permitisse, mas sem prejuizo dos interesses vitais do público, passageiros e carregadores de mercadorias.

Mostrei-me agradecidos e retirei-me, creio que no mesmo dia para os serviços a que pertenciam. Que alterações horárias podiam fazer-se? Poucas ou nenhuma. Sobre este e outros casos, não passados comigo, conversamos então mais de uma vez na Ilha de S. Tiago, onde os dois estávamos com residência fixa. Lembrou-me até que ele me auxiliou na brochura de um trabalho que eu lá terminara, um "Manual" de vulgarização de todo o nosso Ultramar, acerca da geoclimatologia de todas as colónias, sua economia, fomento, população, instrução, vias de comunicação, comércio, etc, destinado a eu concorrer a um prémio que dava a Agência do Ultramar. Mas fim depois a saber, que tinha de ser de índole literária... Aquilo não era literatura. Por isso não concorri.... Este e outros estudos meus entre eles um sobre a nossa Previdência Agrária, também pronto para o prelo, está nos meus papéis inúteis por falta de dinheiro para a impressão.

Cheguei a convencer-me ao ser deportado, que afinal eu, autor de trabalhos que, parva e ignorantemente julgava de interesse nacional, como tantos semelhantes escritos já publicara na imprensa diária e em Revistas de várias cores, não era patriota, como sempre me julgara e tentara ser. Vício meu, porque ao regressar da deportação, quase dois anos depois, o mesmo escrevinhador continuei do que teimosamente continuava a supor doutrina constitutiva, em prol da grei portuguesa. Mas fechei este parêntese.

Miguel Correia com quem sempre gostei depois de conversar, se não abdicou perante mim, dos seus princípios e das suas doutrinas economico-sociais, chegou a concordar comigo em certos exageros praticados. E até quase riu do acontecimento

do atrevimento que ele e seus colegas tiveram no caso do então invocado descarriamento. Era o ardor da mocidade, com as inconsciências que ela por vezes possibilita. Bola alva, pura de nobres ansiosos. Se bem me lembro, parece-me que também o aconselhei a procurar ir para Moçambique, onde a sua actividade profissional poderia tornar-lhe o viver menos árduo e mais útil para a colectividade. Ali, naquella terra, estiolava-se uma inteligência e um valor moral. Só agora, meu caro Vieira, ao ler o seu livro, vi que ele fora para a nossa Africa Oriental onde morreu, porventura ali tendo tido um pouco mais farta e dura fatia dos pobres, para seus filhos. Ojalá eles saibam compreender os sacrificios de Pai, em prol dos proletários, e tenham mais suavisado o caminho do seu futuro.

E pois que falámos de caminhos de Ferro do Estado, outra ocorrência que com eles tive, na mesma curta chefia do mesmo gabinete, também pouco a seguir ao sangrento e vergonhoso massacre do chamado dezanove de Outubro, vitimando algumas das mais nobres e generosas que conheci. Inocentes sacrificados à animalidade selvática de massas desordenadas. Tão estranhas...

Também um dia se me apresentou um grupo de comissionados ferroviários, nas estas das linhas do Minho e Douro. Também pretendiam falar ao Ministro, e com urgencia. Inquiri, atenciosamente, do que se tratava, para, se fosse caso disso, ir pedir ao titular da pasta que adiasse qualquer despacho que tivesse marcado, por uns momentos.

"Então o senhor não sabe!?" - increparam-me. Aquilo é uma ladroeira, pegada desde o Director das linhas até... É o Carvão. É nos Materiais, e nas obras, e tudo. Um dia, outro acrescentava ou confirmava. Os secretários do Ministro, tão atentos como eu e que ouviam também, não ocultavam o seu espanto, não maior do que o meu. Levantei-me da secretária. Pedi a um daqueles que me desse papel pautado, e disse-lhes: "O que os senhores contam é grave, muito grave. Terá de se instaurar processo ou abrir sindicancia. Mas para isso é preciso uma base escrita, visto que só assim e creio que imediatamente o Ministro actuará. É natural que ele encarregue imediatamente alguma de dirigir superiormente tais serviços, até ao resultado final do que determinará. E acrescentei: "Um dos senhores faça favor de se sentar, e deí o meu lugar, e escrever o que acabam de narrar." Perante uma tal ou qual hesitação, supondo eu que devida a nenhuma deles ter pratica de redacção, pois estava convencido de que, embora com tal ou qual exagero, eles falavam verdade, ao menos a verdade que devia correr entre o pessoal, disse-lhes que não se preocupassem com a forma, mas que fossem apenas precisos e sinceros na narrativa. Se tal fizessem o Ministro, a quem eu os apresentaria imediatamente com a communicação por todos assinada, podendo garantir-lhes que nada de mais lhes aconteceria, se viesse a provar-se que as acusações eram fundamentadas, não deixaria de actuar desde logo. Olharam uns para os outros e nenhum se resolveu a escrever, mesmo perante novas solicitações minhas. Vendo que nada conseguia, perguntei-lhes se tinham vindo a Lisboa com autorização do chefe respectivo, ou se a

folga de serviço lhes dava para isso. Que não. Tinham vindo sem licença. Exprobei-lhes o mísero procedimento. Que não tinham a coragem de manter graves acusações mesmo perante a minha garantia de que nada sofreriam. Que meu serviço prestavam ao Estado que lhes pagava, aos superiores, para os quais deviam ser verdadeiros e leais e à PRÓPRIA classe a que pertenciam, com semelhantes procedimentos. Aconselhei-os a tomarem o primeiro comboio de regresso, antes que lá dessem pela sua falta. Saíram cabisbaixos e eu fiquei a pensar como tais actos e atitudes podem ferir de morte uma causa e mesmo uma ideologia. Está ainda vivo um dos dois secretários não tendo bem a certeza se o outro também. O nome dos acusadores é que eu não me dei ao cuidado de tomar. Com pobres de espírito assim, não valia a pena. Em conversas particular com o Ministro, dos dois casos lhe dei conhecimento, mas omitindo-lhe nomes que nem ele me perguntaria. Era uma alma nobre, de temperamento às vezes violento, mas sempre generoso. Morreu bem novo, o que me penalizou, amigos que fomos, porventura mais confiando ele na minha amizade, na minha dedicação e na minha lealdade, ao convidar-me para o duro cargo, em verdade bem espinhoso, naquela altura, de que na minha competência. É bom notar que o pessoal dos gabinetes ministeriais, um chefe e dois secretários, tínhamos então a gratificação global de oitenta escudos.... Bem se vê que servi o melhor que me foi possível, ainda no tempo das vacas negras, nessa e noutras gratuitas comissões de serviço público, entre elas o estudo da aplicação das oito horas ao pessoal dos caminhos de ferro, como fora assente numa conferencia internacional depois da primeira grande guerra. Outras comissões oficiais, também de graça como diz o preto, exerci, tais como: sindicância aos Transportes Marítimos do Estado, ficando incompleta sob a presidencia de um juiz de direito, mas cujo relatório final redigi e entregamos ao ministro; um estudo das causas da carestia da vida, indicando-se algumas soluções; bases para um inquérito económico e industrial em todo o País, as quais também redigi, não tendo ido por diante, etc.

Foi o mesmo estadista, sobraçando então a pasta do Ministério do Trabalho, mas não podendo eu, por outros serviços, chefiar-lhe também o gabinete, quem me nomeou para ^{da comissão do trabalho e da carestia} essa comissão, cujos trabalhos foram por ele aprovados, vindo a decretar o novo regime, de difficil harmonização sem grande prejuizo para todos. O facto desse político actuante antes do 28 de Maio, ter aderido à nova situação que saía daquele movimento, se me penalizou, porque eramos ambos republicanos e nos parlamentos anteriores tínhamos defendido os mesmos ideais, de que a gente não deve desfazer-se como quem muda de camisa, o que outros também fizeram, nem por isso deixo de ser grato à sua memória.

Meu caro Vieira. Aoabei. Não era sem tempo. Se sofre de insónias, para algumas conecaa isto lhe terá servido. Não lhe parece que aqui ficam outros passos que também dariam para umas páginas de memórias? É que páginas, se eu soubesse e pudesse escreve-las! Pouco teria de omitir ao que está ainda na ^{película} ~~especho~~ da minha

salvaguardar

pobre lembrança, para não ferir pessoas e ~~prejudicar~~ o bom nome das instituições que ambos ajudámos a criar, e Vieira com um verbo mais inflamado do que o meu, mais eloquente, nas reivindicações da Esquerda, e eu mais apagadamente, mas olhe que não com menos sinceridade e desejo de um pouco mais de Justiça, de Pão e de Luz para todos, mas todos os desventurados!

Ao referir-lhe exageros, de modo algum eu pretenderia magoá-los mas aqui para nós que ninguém nos ouve - confesse que bastantes se praticaram, se não para justificarem aquilo por que passámos, ao menos para sofisticamente ne-lo pretenderem explicar...

Reitero-lhe a minha melhor estima, a minha admiração e os meus agradecimentos comovidos. Um abraço afectuoso do seu

29-10-59

S/C Av. de Roma, 7-6º Esqº.

Domingos Cruz
Domingos Cruz

